

Zadig ou sobre como Voltaire se vale da literatura

Karine Salgado

UFMG

RESUMO

O artigo pretende avaliar a forma como Voltaire expressa seu pensamento na literatura através da análise do conto *Zadig*. Assim, a partir do contexto e das experiências vivenciadas por Voltaire, o texto lança mão de uma leitura qualitativa do conto eleito, em cotejo com outras obras de seu autor. O artigo evidencia como Voltaire se vale da palavra escrita, em especial da literatura, para defender seus ideais de transformação da sociedade através do combate ao infâme, à intolerância e à autoridade como óbice ao conhecimento e ao progresso.

PALAVRAS-CHAVE

Voltaire; *Zadig*; Literatura; Iluminismo.

ABSTRACT

This article intends to demonstrate how Voltaire expresses his ideas through literature. *Zadig* has been chosen for this intention. Thus, the text promotes a qualitative analysis, comparing *Zadig* with other texts written by Voltaire. It also considers the context and the author's personal experiences. *Zadig* is an example of Voltaire's manner of using the written word, especially literature, for the defence of his ideas to transform society, combating the infâme, the intolerance, and the authority as an obstacle to knowledge and progress.

KEY WORDS

Voltaire; *Zadig*; Literature; Enlightenment.

Introdução

Senhor de um dom ímpar para manejar as palavras, Voltaire se valeu não apenas da filosofia para dar vazão às suas ideias, mas, a exemplo do que acontece com vários de seus contemporâneos, recorre à literatura e ao teatro¹, ferramentas frequentemente demandadas no século XVIII em auxílio dos ideais iluministas e da transformação da sociedade.

O presente texto, a partir de um breve esboço sobre Voltaire, seu pensamento e seu contexto, procurará identificar e evidenciar de que forma ideias e posicionamentos defendidos em textos não literários são trabalhados em sua literatura. Para tal fim, o artigo analisará o conto *Zadig*. Entretanto, *Zadig*, assim como todo o restante da obra voltairiana, demanda uma inquirição sobre o tempo histórico, as experiências de seu autor e, sobretudo, suas convicções, sob pena de não revelar a sua riqueza. Assim, será necessário um breve resgate de questões pertinentes ao Iluminismo, bem como da atuação de Voltaire, antes de lidar diretamente com o conto em questão.

O Iluminismo de Voltaire

O movimento iluminista agrega uma variedade de posições e manifestações. Essas nuances podem ser constatadas nos seus distintos momentos históricos, nas diversas regiões, nos muitos intelectuais que o representam e, especialmente, nas variegadas formas de expressão cultural. No dizer de Cassirer, “o pensamento iluminista consegue sempre extravasar o quadro rígido do sistema e libertar-se, justamente nos espíritos mais fecundos e originais, da sua disciplina” (Cassirer, 1992, Prefácio).

Nos seus múltiplos espectros, o Iluminismo é marcado pelo esforço de se romper com um paradigma que dominou o Medievo e ainda recebia acolhida na Modernidade: a autoridade e a tradição como argumentos maiores e indispensáveis para o conhecimento. Em oposição a isto, coloca-se a razão humana despida de qualquer impedimento ou barreira na investigação e na construção de conhecimento. O Iluminismo não se exime de nenhuma questão, recolocando-as em novos parâmetros e dando a elas respostas absolutamente descomprometidas com a tradição (Salgado, 2017, p. 33).² Como desdobramento inevitável, o Iluminismo ostentará a luta contra todos os preconceitos que, como bem ressalta Maria das Graças de Souza, seriam “fruto da ignorância e do obscurantismo” prevalentes à época. “Assim, a filosofia

¹ No dizer de D’Ormesson, “ele usa todos os gêneros e sempre com sucesso. Ele é dramaturgo e historiador, filósofo e romancista.” (D’Ormesson, 1997, p. 83).

² Todorov, 2008, p. 9.

ilustrada assume uma atitude crítica em relação à tradição cultural, religiosa e institucional” (Souza, 1993, p. 6).

Essa bandeira é o ponto de partida de um processo cujas raízes encontram-se ainda no final da Idade Média e cujo desenvolvimento vai sendo alavancado ao longo da Modernidade. Como observa Granada:

Esta revolução que deu origem à “ciência moderna” esteve estreitamente vinculada à gestação de uma filosofia moderna, isto é, à renovação das concepções epistemológicas e ontológicas, assim como às conexões teológicas do todo (Granada, 2000, p. 9).

Paul Hazard insiste no papel do Iluminismo como responsável por um processo de descristianização e secularização da cultura a partir da emancipação da razão humana. Teria havido um afastamento da concepção religiosa da vida, em favor do futuro e dos seus projetos³, nos quais a razão tem papel fundamental. Neste sentido, a observação de Edmilson Menezes a propósito da história, parece-nos bastante pertinente:

Da mesma forma que o universo se abre ao exame da razão, porque ele já é razão, também a história do homem se abre à explicação sem o recurso ao maravilhoso, porque é animada de uma aspiração racional, a saber, a afirmação do homem como senhor de si e administrador do mundo (Menezes, 2014, p. 75).

Assim, o período é marcado pela ideia de livre pensador ou de pensar livremente (da Igreja e das universidades, da tradição e de paradigmas pré-estabelecidos), cujo alcance será potencializado pela imprensa, o que fará da *opinião pública* um elemento fundamental. Todorov explica que: “a Ilustração é, ao mesmo tempo, racionalista e empirista, herança tanto de Descartes como de Locke. Acolhe em seu seio aos antigos e aos modernos, aos universalistas e aos particularistas. Apaixona-se pela história e pelo futuro, pelos detalhes e pelas abstrações, pela natureza e pela arte, pela liberdade e pela igualdade. Os ingredientes são antigos, mas a mistura é nova” (Todorov, 2008, p. 9).

Se prevalece, no século XVII, a lógica matemática de Galileo e Descartes, com a vantagem de se colocar como uma ruptura em relação às amarras escolásticas ao privilegiar um pensamento racional, no século seguinte tem-se uma mudança significativa, pela valorização da experiência com Bacon e Newton em detrimento dos esquemas formais que propiciavam a alienação do mundo a conhecer.

³ Para o autor, este ímpeto de ruptura teria sido responsável pelo terror experimentado na Revolução Francesa. Sobre o tema, cf. Hazard, 2016.

Ao contrário da filosofia do século XVII, marcadamente racionalista com ascendência cartesiana, o século XVIII tem em Newton um paradigma importante e uma maior permeabilidade à influência anglófona. Trata-se de um período em que a realidade presente e sua transformação se colocam como prioridade. Isso, evidentemente, se refletirá não apenas na filosofia desenvolvida neste período, mas, de modo muito significativo, na forma de atuação dos filósofos, cujos temas e instrumentos de propagação de ideias se revelaram mais apegados à realidade, mais sensíveis aos seus problemas e mais comprometidos com a sua transformação. A *Enciclopédia* é, seguramente, o monumento mais emblemático das propostas e convicções que passaram a prevalecer naquele momento. Ela acolhe a postura crítica em relação à tradição e à autoridade, tão recorrente no período.

É preciso, pois empenhar-se em dar a razão das coisas quando houver; [...] demonstrar as verdades; desvendar os erros; desacreditar habilmente os preconceitos; ensinar os homens a duvidar e a esperar; dissipar a ignorância; apreciar o valor dos conhecimentos humanos; distinguir o verdadeiro do falso, o verdadeiro do verossímil, o verossímil do maravilhoso e do inacreditável [...] (Diderot; D’Alembert, 2015, vol. II, p. 201).

Com o propósito de ser não apenas um repositório do saber humano, mas acima de tudo, agente transformadora da sociedade através da divulgação do conhecimento, a *Enciclopédia* encarna a convicção ilustrada do aprimoramento das virtudes pelo conhecimento: “[...] tornando-se mais instruídos [os homens], sejam ao mesmo tempo mais virtuosos e mais felizes” (Diderot; D’Alembert, 2015, vol. II, p. 158). Veja, por exemplo, o que diz o verbete *eclétismo*: “o eclético é um filósofo que despreza o preconceito, a tradição, a antiguidade, o consentimento universal, a autoridade, em suma, tudo o que subjuga a multidão dos espíritos; que ousa pensar por si mesmo [...]” (Diderot; D’Alembert, 2015, vol II, p. 131). A *Enciclopédia*, naturalmente, encontrou resistências. Ela foi condenada pela Igreja e também pelo Parlamento e foi proibida pelo Conselho Real. Maria das Graças de Souza observa que

a Enciclopédia não se limita a apresentar de modo imparcial os saberes, mas avalia e julga os conhecimentos da tradição segundo o critério de sua utilidade para o gênero humano. Assim, muitos saberes constituídos são relegados a mera especulação estéril. De outro lado, é certo que a tradição religiosa é submetida sistematicamente, direta ou indiretamente, ao crivo rigoroso da crítica (Souza, 2015, p. 21).

É exatamente neste contexto que Voltaire se coloca. Aliás, Voltaire teve um papel fundamental não apenas como autor inúmeros verbetes, mas particularmente como

promotor e defensor do ideal da *Encyclopédia*. Encarnando o espírito do século, Voltaire tem na palavra escrita⁴ sua principal arma, numa empreitada que entrelaçará suas convicções, sua biografia e sua obra num conjunto único. Essa interação tão intensa, sua atuação e estilo, foi responsável por vários percalços por ele enfrentados ao longo da vida.

Seu primeiro grande atrito político ocorre por ocasião do poema *Uma criança reinante*. Com a morte de Luis XIV (1715), Felipe de Orleans se torna regente. O poema ridiculariza Felipe e o infante e, como consequência, Voltaire foi conduzido à Bastilha, onde ficou por 11 meses. Posteriormente, outros versos sobre o regente começam a circular e, embora não se saiba se tinham ligação com Voltaire, ele se vê obrigado a se refugiar no castelo de Sully, para evitar nova prisão. A esta altura, Voltaire é bastante conhecido em Paris.

Voltaire ainda retornaria à prisão posteriormente, após um atrito com o cavaleiro de Rohan. Ele esperaria mais um mês até obter novamente a liberdade mediante a condição de deixar a França. Assim, parte para Londres em 1726.⁵ Voltaire retorna à França em 1728, escrevendo profusamente em favor das ideias que defendia. Naturalmente, o desconforto causado exigiu que ele se refugiasse no castelo de Cirey, junto ao Marquês de Châtelet, entre 1735 e 1749.

Voltaire compartilha com Diderot e d'Alembert o otimismo em relação ao progresso científico e tem na palavra a sua principal ferramenta de atuação. Embora estivesse muito longe de discursar em praça pública para as massas, como os revolucionários ambicionaram fazer, é inegável a pretensão de seu discurso: agir como instrumento de esclarecimento e transformação da sociedade, no combate à ignorância, ao preconceito, à intolerância. Para sua atuação, a liberdade de expressão era exigência indispensável. Voltaire parece, então, ter compreendido não apenas seu papel, mas igualmente o papel da opinião pública e é justamente a partir dessa dinâmica que sua ação se dará: através da palavra a superstição e o fanatismo serão combatidos.

O envolvimento de Voltaire com o caso Calas é exemplo de como esta dinâmica se estabeleceu. Após a morte do filho – aparentemente um suicídio – dentro da própria casa da família, o pai foi responsabilizado, hipoteticamente motivado pelo temor de o filho se converter ao catolicismo. O pai foi executado jurando inocência

⁴ Sobre o papel das publicações no período, dos livreiros e sobre a forma como se deu a ascensão dos livros no Antigo Regime, cf. (Darnton, 1984, p. 477-492)

⁵ O exílio na Inglaterra, durante a juventude, contribuiu para o conhecimento de Locke e Newton, fazendo com que Voltaire se distanciasse do cartesianismo. Neste período escreveu *Elementos da filosofia de Newton*, obra que tinha como objetivo divulgar a física moderna. Também neste período ocorre a publicação – primeiro em Londres, depois em Paris – das *Cartas Filosóficas*.

e Voltaire, com o concurso de d'Alembert, estuda o processo e evidencia suas incoerências e falhas grotescas, sensibilizando a população, o que culminou no reconhecimento do equívoco e na anulação da decisão.

Voltaire teve grande sensibilidade para com o caso, imbuído que estava de um novo espírito de conclamação ao combate sistemático ao *Infâme*, termo utilizado por ele e absorvido pelos dicionários de época para designar formas de superstição e intolerância. Voltaire recorrentemente o utilizava para se referir a qualquer religião, em especial a católica.

Voltaire tira este termo do próprio cristianismo, que qualifica de infame tudo o que transgride a Lei com letra maiúscula, vale dizer, a lei divina: desde os pecados até os comediantes, as relações homossexuais e os maus livros. E o torna contra a própria Igreja, para subverter os dogmas (Armiño, em Voltaire, 2013, p. 19).

A postura da Igreja Católica é fortemente atacada por Voltaire. Ele insiste na insanidade e na incoerência da intolerância. Se todas as religiões são humanas e só a católica é divina, não há por que se preocupar com as demais: “*se Deus a fez, Deus a sustentará*” (Voltaire, 2003, p. 35). Também, como forma de crítica à atuação da Igreja, destaca o princípio romano: “*deorum offensar diis curae*”, só cabe aos deuses se ocuparem das ofensas feitas aos deuses (Voltaire, 2003, p. 60).

O *Tratado sobre a tolerância* permite-nos identificar dois traços comuns das convicções e atuações de Voltaire que não se limitarão aos seus escritos filosóficos, mas far-se-ão presentes em toda a sua literatura. O primeiro traço é a defesa implacável da tolerância e a sua posição dura em relação à Igreja: os defensores dos dogmas da Igreja seriam intolerantes e responsáveis por perpetuar a ignorância como forma de imposição à população, o que resultaria em fanatismo e violência. O fato é que, para além disso, está o grave conflito entre as verdades científicas e as verdades religiosas, cujas consequências são determinantes para os séculos vindouros.⁶ Condorcet observa ser esta uma tarefa que Voltaire abraça com tanta veemência que sua execução não reconhece limites sequer na própria morte do filósofo. Valendo-se de palavras de Voltaire, Condorcet mostra a sua luta contra a superstição e contra a autoridade no que tange ao conhecimento:

As célebres linhas que se seguem:
“Nossos padres não são nada que o tolo povo supõe;

⁶ Maria das Graças de Souza lembra o verbete Abade, apresentado no Dicionário filosófico de Voltaire: “Todos vocês, que se aproveitaram dos tempos de ignorância, de superstição e de demência para nos espoliar, nos pisotear, para engordar à custa dos infelizes, estremeçam de medo quando o dia da razão chegar.” (Souza, 1993, p. 7).

Toda a sua ciência deriva de nossa crença.”
são o primeiro sinal de uma guerra que nem mesmo a morte de Voltaire pôde extinguir (Condorcet, 1789 p. 12).

O segundo traço é a estratégia utilizada por Voltaire, associada ao programa iluminista, e presente em todas as investidas do filósofo. Obviamente, uma vitória tão relevante como a obtida no caso Calas e, certamente, pouco provável diante de uma justiça que se colocava sempre como absoluta e irretocável, exigiu de Voltaire a utilização de todos os mecanismos que estavam ao seu alcance, desde contatos pessoais até o uso de meios de comunicação, para comover as massas em torno das causas e valores que defendia. Aqui e em outras ocasiões, o papel da opinião pública é patente. A opinião pública é elemento de presença constante entre os iluministas, tomada muitas vezes como instrumento para alavancar o progresso almejado por eles. Por outro lado, é contra a opinião pública, carrasco dos Calas, que Voltaire se volta duramente. De modo astucioso, as críticas mais ásperas não são dirigidas ao Parlamento ou aos juízes, mas ao populacho.

Daí a necessidade de esclarecimento da população, de se espalharem as luzes da razão, propósito inegável do *Tratado sobre a tolerância* para a transformação social.⁷ Nele se lê: “Suplico a todo leitor imparcial que sopesse estas verdades, que as retifique e que as difunda. Os leitores atentos, que comunicam suas ideias, vão sempre mais longe que o autor” (Voltaire, 2003, p. 35).⁸

Se a força da transformação está no esclarecimento da sociedade, nas luzes da razão, a palavra se coloca como seu veículo mais implacável. E ela se manifestará não apenas em textos filosóficos, mas também na literatura e, ainda, nas artes cênicas.

⁷ Voltaire esperava, com o êxito nos casos em que atuou e com toda a sua movimentação em torno da opinião pública, restabelecer a paz na França por meio da tolerância religiosa, gravemente abalada desde a revogação do Edito de Nantes. Voltaire não viveu o suficiente para ver sua reivindicação atendida. Em 1787, Luis XVI decreta a tolerância aos não católicos, garantindo pela primeira vez tratamento igual a católicos e não católicos enquanto cidadãos franceses. A iniciativa de Luis XVI restou ofuscada pela Revolução que teria início alguns meses mais tarde. Desta surgiu a Declaração de Direitos de 1789 na qual a tolerância é coroada pelos artigos X e XI, além do preâmbulo.

⁸ Menções à liberdade de expressão, à opinião pública e à relevância do seu papel nos projetos iluministas podem ser encontradas ainda na Enciclopédia. Ver, a título ilustrativo, a Advertência dos editores, 1753 e Advertência dos editores, 1765. Cf. (Diderot; D'Alembert, 2015, Vol. 1.)

Voltaire e a Literatura

A cena cultural do século XVIII demandou importantes debates sobre as artes, seus modelos, bem como sobre seu papel diante das aspirações iluministas. A *querelle des anciens et des modernes* é apenas exemplo de questões que ocuparam a mente setecentista. Entretanto, embora se orgulhasse de suas conquistas sobretudo científicas, o século XVIII sabia que sua literatura deixava a desejar. À sombra de gênios como Racine e Molière, “arrastou o grande peso da imitação. Obedeceu às regras, discutindo-as e as sofrendo.” A literatura do período teria se convertido, na percepção de Hazard, em um campo de batalha, dando vazão às críticas, ideais e convicções próprias da filosofia e do pensamento político do período (Hazard, 2016, p. 193). Voltaire ocupa um lugar emblemático no seu século, posto que sua literatura espelha exatamente a turbulência resultante da fusão do que Otto Maria Carpeaux chamou de ideologia progressista e formas literárias meio obsoletas, meio reacionárias. Também Carpeaux reconhece a superioridade da literatura setecentista e vê na frustração do século XVIII a exuberância do racionalismo: “o racionalismo exclui a poesia. O mérito do século XVIII teria sido ‘filosófico’, quer dizer, ideológico e político, mas não ‘literário’, no sentido das *belles lettres*” (Carpeaux, 2021, p. 13).

A polêmica sobre o modelo ideal para o teatro, tema ao qual se debruçam Voltaire, Diderot e Rousseau, dá margem à compreensão dessas aspirações que tanto motivaram Voltaire e que se fazem transparecer em seus escritos literários.

Voltaire é defensor dos modelos clássicos do teatro francês. Ele tem como referência o século XVII. Racine, na tragédia, e Molière, na comédia, são tomados como o ápice da cultura francesa nos seus respectivos gêneros. Na concepção de Voltaire, a tragédia espelha as ações consideradas elevadas. O ritmo deve ser pomposo e as personagens são heróis, príncipes, etc... “O máximo que faz é renovar-lhe o conteúdo, obrigando-a a acolher as inquietações do filósofo, transformando o palco numa tribuna e as personagens em porta-vozes da Ilustração” (Mattos, 2008, p. 171). Ele se distancia de Rousseau e Diderot, cuja postura leva alguns estudiosos a classificá-los como pré-românticos.

Se por um lado Voltaire se põe como fiel defensor das regras clássicas, por outro, Diderot acreditava que as regras do teatro deveriam ser quebradas para que o seu propósito maior fosse alcançado. Era preciso levar tumulto e pavor ao espectador. Não seria pelo discurso ordenado que as paixões se expressariam. A despeito da divergência quanto à forma, ambos veem no teatro um importante recurso diante dos propósitos iluministas. Para Voltaire e Diderot, ele é um instrumento poderoso, com imenso potencial pedagógico, embora haja divergência sobre a forma de uso.

Há um episódio na vida de Voltaire que bem ilustra suas convicções e a divergência com seus contemporâneos. Ao retornar da Prússia, em 1753, estabelece-se em uma

propriedade nos arredores de Genebra, onde permaneceria praticamente todo o restante de sua vida. Este é um período muito frutífero para Voltaire. Nesta propriedade instalou um pequeno teatro. Genebra era puritana e proibia o teatro. Assim, após vários movimentos para dar viabilidade a sua pretensão, em 1755, *Zaïre* foi exibida para o Conselho de Genebra, com grande sucesso. Voltaire quis repetir a exibição, com a colaboração de cidadãos de Genebra, mas foi proibido pelo Consistório.

D'Alembert chega a Genebra neste período para construir o verbete sobre a cidade. Ao fim da viagem, hospedou-se com Voltaire e ouviu suas queixas sobre o mau êxito de sua empreitada. Isso reverberou no verbete Genebra. D'Alembert não deixa de registrar seu lamento: “a literatura prosperaria, sem que a libertinagem progredisse, e Genebra reuniria à sabedoria da Lacedemônia a polidez de Atenas” (Voltaire, 2015, vol. 4, p. 158).⁹, ¹⁰

Para Voltaire, teatro, literatura são instrumentos pedagógicos que servem ao projeto de ilustração da sociedade. A instrução é objetivo, missão de todo homem. A virtude é ensinável. No verbete *Consciência*, é apresentada a disposição humana para receber bons princípios, o que dá à formação um papel fundamental. E todos devem com ela se comprometer. No verbete *Liberdade de Pensamento*, Voltaire afirma que “a vós apenas cabe aprender a pensar; haveis nascido com espírito. (...) Qualquer homem pode instruir-se” (Voltaire, 1978, 56).

A literatura de Voltaire tem características muito particulares, afinadas com os seus propósitos. No combate à infame, na defesa da tolerância e da liberdade de expressão, lança mão de personagens e situações extremadas que evidenciam o ridículo de suas posições e convicções. Entretanto, essa situação tem sempre um propósito. Não se trata simplesmente de divertir o povo. Por trás do riso, está sempre uma questão maior, um impasse, uma reflexão sobre problemas relevantes ao ser humano.

Outra característica dos textos de Voltaire é a forma como ele põe o leitor diante dos problemas apresentados. As narrativas deixam a questão em aberto, como uma espécie de convite instigante à reflexão sem uma solução simplista. Segundo Romano,

⁹ Rousseau, que assinava como cidadão de Genebra, reagiu e publicou no ano seguinte a Carta a d'Alembert. Genebra é uma república, não uma monarquia e o que convém à França não necessariamente a ela convém. As festas republicanas são mais adequadas e condizentes com o princípio de igualdade acalentado na república genebrina.

¹⁰ Sobre a polêmica a respeito do teatro, Mattos explica que a Revolução concedeu cidadania aos atores (ponto defendido por Voltaire e Diderot), mas não inovou em dramaturgia. Revogou privilégios de teatros (a Comédie, por exemplo monopolizava o repertório clássico francês), permitiu que os cidadãos “levantassem um teatro público”, aboliu a censura e reconheceu o direito de autor dos dramaturgos. Recorda ainda que Chénier compôs *Calas* e pôs a tragédia à moda de Racine para dar vazão ao projeto revolucionário. “Deste modo, pode-se concluir, em primeiro lugar, que a cena teatral mais representativa da Revolução resolveu as diferenças entre Voltaire e Diderot, apostando nas posições do primeiro” (Mattos, 2008, p. 176 e 178).

seus textos apresentam-se como Janus: neles, podemos gargalhar com as tolices religiosas, científicas, políticas, zombando de todos os fanatismos. Ao mesmo tempo, o riso nos conduz aos problemas mais graves da filosofia moral do ocidente, desde que tenhamos informações para ler os seus escritos em todas as suas facetas (Romano, 1997, p. 34).

Curiosamente, os contos de Voltaire trazem muitos personagens viajantes. “A viagem possui nos contos uma função quase demonstrativa. Viajar é olhar o mundo” (Souza, 1993, p. 59)¹¹. Mais que isso, é analisar por um olhar livre de preconceitos, aberto à diversidade, tolerante portanto, contra certezas inabaláveis acompanhadas de uma arrogância que não lhes permite correção.

Outra característica da literatura de Voltaire enfatizada por Auerbach é o “tempo” de suas narrativas. O ritmo da narrativa e as rápidas transições das imagens, a combinação surpreendente ou alternância repentinas das coisas é, na visão do autor, o que Voltaire tem de mais genuíno. Esta ligeireza, marcante no seu texto, estaria muitas vezes aliada à simplificação (Auerbach, 1971, p. 355).

Nos contos de Voltaire, a razão¹² é abordada recorrentemente. Em *Zadig*, tomado aqui como objeto de análise da atuação e das convicções de seu autor, a razão é desafiada pelas mais absurdas situações, de modo a evidenciar como a tradição e a autoridade, assim como o fanatismo e a intolerância, levam a atitudes desarrazoadas e, de forma mais grave, a uma cegueira que impede a percepção das posições defendidas. Essa postura se presta, ainda, ao papel de motor à intolerância e à injustiça, além de entrave ao conhecimento.

Zadig é uma obra dedicada à narrativa dos desarranjos e adversidades enfrentados pela personagem principal que lhe dá nome¹³. *Zadig* é descrito como um moço rico, moderado, sábio, mas não arrogante, tolerante, cujo “principal talento consistia em deslindar a verdade, que todos os homens procuram obscurecer.” E se o invejoso comenta que falta a *Zadig* o bom estilo oriental, Voltaire completa: “*Zadig* contentava-se em ter o estilo da razão” (Voltaire, 2007, p. 39).

¹¹ A autora aponta três temas subjacentes aos contos voltairianos: a determinação por forças sobre as quais não se tem controle, forças puramente materiais que desencadeiam os acontecimentos; a origem e o alcance do conhecimento humano; a questão do mal.

¹² A razão, como bem explica Cassirer, deixa de ser definida como posseção e passa a ser tomada como aquisição neste período. Ela seria “o poder original e primitivo que nos leva a descobrir, a estabelecer e a consolidar a verdade” (Cassirer, 1992, p. 32). Haveria um duplo papel reservado à razão no século XVIII: a razão como instrumento para a verdade, uma face positiva ou construtiva da razão, e a razão como denunciadora de falsos saberes que são postos como verdade para servirem a interesses velados (Souza; Nascimento, 2019, p. 37)

¹³ Para Pomeau, embora tenha resguardado a sua intimidade, Voltaire manteve uma conexão íntima entre ele e sua obra. Suas personagens em alguma medida o espelham. Assim, em *Zadig*, Pomeau identifica Voltaire, no fim de seu período em Cirey, quando frequentava a corte e tinha expectativas políticas que resultaram fracasadas (Pomeau, 1951, p. 17).

A busca incessante pela verdade é traço marcante do movimento iluminista. O obscurantismo e o conhecimento dogmático, apoiado na autoridade como seu fundamento irrefutável são, na visão de Voltaire, males que flagelam a sociedade e só alimentam a ignorância e o fanatismo. Bem caberia a *Zadig* o comentário de Condorcet: “[...] ainda menos comuns são aquelas [mentes] atormentadas pelo desejo de descobrir a verdade. O povo adora acreditar sem provas e estimar sua segurança na fé cega como algo necessário à sua comodidade e segurança” Condorcet, 1789, p. 15).

Embora sábio, sobre a metafísica *Zadig* “sabia dessa matéria o que sempre se soube em todas as épocas, isto é, pouquíssima coisa” (Voltaire, 2007, p. 19). Ainda sobre a descrição de *Zadig*,

estava [...] convicto [...] de que o Sol ficava no centro do mundo; e quando os principais magos, com insultuosa arrogância, lhe diziam que demonstrava, assim, maus sentimentos e que só um inimigo do Estado poderia acreditar que o sol girasse sobre si mesmo e o ano tivesse doze meses – *Zadig* calva sem cólera e sem desprezo [...] (Voltaire, 2007, p. 19).

Desde o início, Voltaire não poupa o leitor das suas críticas. Como já salientado, o conhecimento tradicional, baseado na autoridade, sustentado pela Sorbonne, é um dos principais objetos de ataque iluminista. Em outra passagem do conto analisado, é possível identificar o mesmo propósito: tendo sido *Zadig* ferido no olho esquerdo, mandaram chamar o grande médico Hermes que, ao examiná-lo, declarou que poderia curá-lo se fosse o olho direito, mas sendo o outro, estaria condenado a perdê-lo.

Toda Babilônia lamentando o destino de *Zadig*, admirou a profundidade da ciência de Hermes. Dois dias depois, o abscesso resolveu-se por si mesmo; *Zadig* ficou completamente são. Hermes escreveu então um livro, em que lhe provou que não deveria ter sarado (Voltaire, 2007, p. 21).

Mais adiante, há a narrativa de um julgamento envolvendo o protagonista onde a forma de se fazer justiça é também alvo de sua perspicácia. Estando em um bosque, *Zadig* encontra funcionários do rei que procuravam pela cadela da rainha. Ao ser indagado, *Zadig* demonstrou algum conhecimento sobre o animal, embora tenha declarado que nunca o vira. As informações que possuía eram fruto da dedução a partir de sinais encontrados pelo caminho. Entretanto, foi levado a julgamento e condenado pelo desaparecimento da cadela. Após a sentença, o animal fora encontrado, constringendo o júri a reformar a decisão. Ainda assim, condenaram *Zadig* a uma multa por ter dito que não havia visto o animal. Após pagá-la, *Zadig* recorre e demonstra que tudo que sabia era simplesmente fruto de dedução. Todos ficam

impactados pela clareza de raciocínio de Zadig, mas os magos achavam que ele deveria ser queimado como feiticeiro. O rei determinou que a multa fosse devolvida:

O escrivão, os meirinhos, os procuradores, compareceram em grande pompa à presença de Zadig, para lhe entregar as suas quatrocentas onças; apenas retiveram trezentas e noventa e oito para as custas do processo, e os seus ajudantes reclamaram gratificação. Zadig compreendeu como era às vezes perigoso ser demasiado sábio [...] (Voltaire, 2007, p. 27-28.)

Essa ponderação de Zadig, somada a muitas outras nas quais o protagonista se vê em risco por expor a verdade, remetem ao fanatismo e aos perigos envolvidos na busca pela verdade. Na obra *O filósofo ignorante*, Voltaire pondera sobre esses riscos e arremata com resposta negativa à tão emblemática pergunta: “deve-se permanecer ocioso nas trevas?” (Voltaire, 2009, p. 150). Não, dirá Voltaire, nada justifica o abandono da busca pela verdade contra o fanatismo. Essa é para ele uma questão vital, inescusável, que não o permite hesitar diante de ameaças.

Em outra passagem, Zadig presencia uma querela acerca da proibição de Zoroastro de se comerem grifos. Uns questionavam a viabilidade da lei por não existirem grifos. Outros insistiam no seu cumprimento, afirmando que, se era proibido comê-los, eles existiam. Zadig propõe uma solução conciliadora dizendo que a lei seria cumprida de toda forma. Então, “um sábio, que compusera treze volumes sobre os grifos e que, além disso, era grande teurgista, apressou-se em ir acusar Zadig perante um arquimago chamado Yebor.” Zadig foi condenado e salvo por um amigo que afiançou ser ele um santo, pois possuía grifos em seu jardim e nunca os havia comido (Voltaire, 2007, p. 29). Os magos, tomados como sábios no conto de Voltaire, são o símbolo do fanatismo e da cegueira, incapazes de refletirem com clareza sobre a situação, de pensarem por si, mas prontos a aceitarem qualquer absurdo, desde que condizente com as posições que defendem. Eles servem, ainda, para o enfrentamento do tema da tolerância, questão que reverbera em diversas passagens do conto.

São muitas as desventuras do pobre Zadig e, através do ridículo das situações caricaturadas construídas por Voltaire, é possível ver o seu real intuito: evidenciar o despropósito da autoridade, da ignorância, do preconceito e da intolerância de forma sarcástica, vexatória. Aliás, este é um recurso que muito atormentou e divertiu a sociedade da época. Voltaire lançava mão do riso como forma de crítica.¹⁴

¹⁴ Maria das Graças Souza lembra a atuação da Voltaire em defesa da Enciclopédia. Numas das ocasiões de ataque à publicação, surgiu um livro anônimo intitulado *História da doença, da confissão, da morte e da aparição do jesuíta Berthier*. O padre que era um crítico duro à empreitada de Diderot e d’Alembert ainda estava vivo. Segundo a história, ele teria contado numa aparição que ficaria no purgatório por mais de 300

Naturalmente, a aspereza com que trata os temas religiosos levou ao questionamento sobre a relação pessoal de Voltaire com a religião. As posições de Voltaire sobre a religião deixaram dúvidas quanto à sua fé. Ele havia estudado com afinco as Escrituras e dirigido à revelação judaico-cristã críticas duras: há nelas contradições, violência e absurdos que não fazem sentido. Isso não o conduz, entretanto, ao ateísmo. Sua filosofia demanda um criador: toda obra tem um obreiro, uma inteligência que age. Assim, o obreiro do mundo é Deus. “O Ser divino, objeto fundamental da metafísica clássica, tem na filosofia de Voltaire, seu lugar assegurado, enquanto logicamente necessário para a justificação do movimento e da ordem do mundo” (Souza, 1993, p. 32).

Em *Zadig*, há um permanente questionamento sobre os males sofridos, mesmo quando só se quer e só se pratica o bem. O anjo, que *Zadig* encontra ao final da narrativa, é arguido neste sentido: “É então necessário que haja crimes e males, e que os males tombem sobre as pessoas de bem? [...] Ao que Jesrad responde: “não há mal de que não provenha um bem” (Voltaire, 2007, p. 90).

Em mais um irônico ataque à autoridade da tradição, Voltaire leva *Zadig* à Arábia. Lá ele fica estarelecido com o bárbaro costume de as mulheres se queimarem quando se tornam viúvas, acompanhando os maridos. A tribo que mais tivesse viúvas queimadas era a mais bem considerada. *Zadig* tenta demonstrar o quanto esse costume não faz sentido e recebe a seguinte justificativa:

Há mais de mil anos ponderou Setor que as mulheres têm o direito de queimar-se. Qual de nós ousaria mudar uma lei que o tempo consagrou? Haverá coisa mais respeitável do que um antigo uso?

A razão é mais antiga – retrucou *Zadig* (Voltaire, 2007, p. 54-55).

A literatura de Voltaire não raras vezes toca na questão do poder político. Em *Zadig*, a figura do rei ilustra diversas situações. Numa delas, tendo *Zadig* defendido um ministro “em desgraça”, coube a ele o prêmio concedido ao mais generoso do reino dentre inúmeros outros bons atos avaliados na ocasião. Ao receber a taça, *Zadig* diz: “Sire [...] é Vossa Majestade quem merece a taça, pois foi quem praticou a ação mais inaudita: sendo rei, não vos indignastes por haver vosso escravo contrariado as vossas paixões” (Voltaire, 2007, p. 35).

A defesa da tolerância e da liberdade de expressão encontrou um grande entrave no seu trajeto rumo à efetivação: os monarcas absolutistas. O despotismo esclarecido

anos para expurgar a calúnia que havia cometido contra a Enciclopédia e contra os filósofos (Souza, 1993, p. 39).

é marcado pela insígnia “tudo para o povo, mas sem o povo”. Parte-se do pressuposto de que o bom governo está diretamente ligado à formação, ao conhecimento e ao acesso à verdade. Um governante esclarecido é sempre preferível, ainda que despótico. Naturalmente, os filósofos do período têm consciência do problema do despotismo e muitas vezes o criticam. Em 1750, Voltaire visita a corte de Frederico II da Prússia. Frederico abriga artistas e intelectuais e oferece proteção àqueles que entram em atrito com a coroa francesa. É deste período a publicação de *O século de Luís XIV*. Embora Frederico II permitisse divergências nas discussões em sua mesa, os atritos com ele e com seus hóspedes fizeram com que Voltaire abandonasse a Prússia. Decepcionado, Voltaire, sobre a Prússia de Frederico II, teria dito que havia encontrado um número maior de baionetas que de livros, e Diderot, a propósito do mesmo governante, teria escrito, embora nunca publicado, *Páginas inéditas contra um tirano*.¹⁵

O enaltecimento da liberdade de expressão e da tolerância aparece em outros momentos, como na descrição de Zadig na condição de ministro do rei. Ele permitia que cada vizir tivesse sua opinião, sem cair em desagrado por contradizê-lo (Voltaire, 2007, p. 161).

As convicções políticas de Voltaire revelam um exercício de poder que demanda a garantia da tolerância e a liberdade de expressão como instrumentos fundamentais para o aprimoramento dos costumes de um povo. As experiências de Zadig evidenciam a postura de Voltaire, bem como o desarrazoado e os danos causados por um governo despótico.

Considerações finais

Zadig é, como outros contos de Voltaire, uma história que reúne ironia e sarcasmo ao compromisso de Voltaire com seus ideais e convicções. Por ele, conhecemos um pouco mais seu autor – fazendo coro à constatação feita por Pomeau –, mas também conhecemos os desafios de uma época, as ideias que pretendem demover estes desafios e a força de uma alma convicta de seu papel no mundo. É com este compromisso que Zadig é levado a muitos lugares e vivencia muitas experiências que, diante das pretensões deste texto, não nos é possível aqui esgotar.

A literatura, nas mãos de Voltaire, é instrumento para levar as luzes à sociedade. Por meio da palavra, do uso da ironia, do riso e de situações caricatas é feito um

¹⁵ Catarina da Rússia e Frederico II da Prússia personificam a figura do déspota esclarecido. Voltaire esteve em Berlim a convite de Frederico II e, assim como Diderot, se decepcionou com a atuação dos governantes no caso da Polônia por ocasião da eleição do monarca. A Rússia invadiu a Polônia, sob o pretexto de garantir a ordem, mas terminou por partilhá-la com a Prússia.

convite à razão, à reflexão sobre os costumes e convicções acalentados pela tradição, sobre a postura inflexível da autoridade e sobre o fanatismo.

Se segundo nosso autor o homem é ação e não agir e não existir seriam a mesma coisa, podemos afirmar que Voltaire assumiu essa convicção como um mantra ao longo de toda a sua vida, sendo sempre um homem de ação (Voltaire, 1978, p. 51 e seg.). Voltaire é o retrato do espírito do seu tempo, da convicção de que o progresso vem pelas mãos humanas, não sem esforço, mas necessariamente pelo esclarecimento. Assim define Condorcet o seu lugar na história:

A vida de Voltaire há de ser a história do progresso que as artes tiveram devido a seu gênio, do poder que ele exerceu sobre a opiniões de nosso século, enfim, da longa guerra contra os preconceitos, declarada desde a sua juventude e sustentada até seus últimos momentos (Condorcet, 1789, p. 3).

Bibliografia

- Armiño, M. (2013). Introdução. In: Voltaire. *Tratado sobre la tolerancia*. Trad. de Mauro Armiño. Barcelona: Espasa.
- Auerbach, Erich. (1971) *Mimesis*. A representação da realidade na literatura ocidental. Trad. Suzi Franki Sperber. São Paulo: Perspectiva.
- Carpeaux, O. M. (2021). *História da literatura ocidental*. Vol. II. Campinas: Sétimo Selo.
- Cassirer, E. (1992) *A filosofia do iluminismo*. Trad. de Álvaro Cabral. Campinas: Unicamp.
- Condorcet, J. A. N. de C., Marquis de. (1789) *Vie de Voltaire*. Paris: Société Littéraire-Typographique.
- Darnton, R. (1984) "Sounding the Literary Market in Prerevolutionary France". In: *Eighteenth-Century Studies*, Baltimore, vol. 17, n. 4 (special issue).
- Diderot; D'Alembert. (2015) *Enciclopédia ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios*. Trad. de Pedro Paulo Pimenta e Maria das Graças de Souza. São Paulo: Unesp. Vol. 1.
- _____. (2015) *Enciclopédia ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios*. Trad. de Pedro Paulo Pimenta e Maria das Graças de Souza. São Paulo: Unesp. Vol. 2.
- _____. (2015) *Enciclopédia ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios*. Trad. de Pedro Paulo Pimenta e Maria das Graças de Souza. São Paulo: Unesp. Vol. 4.
- D'ormesson, J. (1997) *Une autre histoire de la littérature française*. Tome I. Paris: NiL éditions.
- Granada, M. A. (2000) *El umbral de la modernidad*. Barcelona: Herder.

- Hazard, P. (2016) *La pensée européenne au XVIIIe siècle*. [S.l.]: Createspace.
- Mattos, F. de. (2009) “A querela do teatro no século XVIII: Voltaire, Diderot, Rousseau”. In: *O que nos faz pensar*, São Paulo, n. 25.
- _____. (2008) *O filósofo e o comediante: ensaios sobre literatura e filosofia na ilustração*. Belo Horizonte: UFMG.
- Menezes, Edmilson. (2014) “Duas posições de Voltaire sobre a história”. In: *Philosophica*, Lisboa, vol. 43.
- Nascimento, M. M. do. (2016) *Opinião pública e revolução. Aspectos do discurso político na França revolucionária*. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial.
- Pomeau, R. (1951) *Voltaire par lui-même*. Paris: Editions du Seuil.
- Romano, R. (1997) “Voltaire e a sátira”. In: *Transformação*, São Paulo, n. 20.
- Salgado, K. (2017) Ilustração e dignidade humana. In: *História, Estado e Idealismo Alemão*. Belo Horizonte: UFMG.
- Souza, M. das G. de. (2015) Círculo do conhecimento. In: Diderot; D’Alembert. *Enciclopédia ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios*. Trad. de Pedro Paulo Pimenta e Maria das Graças de Souza. São Paulo: Unesp.
- _____. (1993) *Voltaire: a razão militante*. São Paulo: Moderna.
- _____; Nascimento, M. M. do. (2019) *Iluminismo: a revolução das luzes*. São Paulo: Edições 70.
- Todorov, T. (2008) *El espíritu de la Ilustración*. Trad. de Noemí Sobregués. Barcelona: Galaxia Gutenberg.
- Voltaire. (1978) *Cartas filosóficas*. Trad. Bruno da Ponte et. Al. São Paulo: Abril Cultural.
- _____. (1978) *Dicionário filosófico*. 2a. ed. Trad. Bruno da Ponte et al. São Paulo: Abril Cultural.
- _____. (2009) *Le philosophe ignorant*. Paris: Flammarion.
- _____; Heuvel, J. Van den. (2003) *Traité sur la Tolérance: A l’occasion de la mort de Jean Calas, 1763*. Paris: Gallimard.
- _____. (2013) *Tratado sobre la tolerancia*. Trad. de Mauro Armíño. Barcelona: Espasa.
- _____. (2007) *Zadig: suivi de Micromégas*. Paris: Pocket.